



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

NAYARA CAMILA DA SILVA NASCIMENTO

“EU SOU BENTO”:

Tradição, música e resistência em Santa Cruz do Capibaribe

**Caruaru
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

RELATÓRIO CIENTÍFICO

“EU SOU BENTO”:

Tradição, música e resistência em Santa Cruz do Capibaribe

NAYARA CAMILA DA SILVA NASCIMENTO¹

Caruaru

2025

¹ Graduando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste.
E-mail: nayara.nascimento@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento, Nayara Camila da Silva .

Eu Sou Bento: Tradição, música e resistência em Santa Cruz do Capibaribe /
Nayara Camila da Silva Nascimento. - Caruaru, 2025.
46p.

Orientador(a): Amanda Mansur Custódio Nogueira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2025.

1. Documentário. 2. Cultura Popular. 3. Memória. 4. Salvaguarda. 5. Forró
Tradicional. 6. Entrevista. I. Nogueira, Amanda Mansur Custódio . (Orientação).
II. Título.

300 CDD (22.ed.)

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria do Carmo, pelo amor, apoio e exemplo constante. À minha avó, Ernestina Maria, por sua sabedoria e carinho incondicional. Ao meu avô, Luiz (in memoriam), cuja presença e ensinamentos continuam a me guiar

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sua infinita bondade e amor, por me sustentar diariamente, nos momentos de alegria e nos desafios. Sem sua graça, a conclusão deste curso e essa conquista não seriam possíveis.

À minha mãe, Maria do Carmo, e à minha avó, Ernestina Maria, minha eterna gratidão por todo apoio, dedicação e amor. Obrigada por sempre me incentivarem a perseguir meus sonhos. Aos meus irmãos, Gilson e Guilherme, e aos meus tios, Antônio, Risalva e Manaceis, agradeço por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado. A presença de vocês na minha vida faz toda a diferença e me dá forças para seguir em frente em busca dos meus objetivos. Agradeço ao meu avô Luiz, o meu querido vovô Lula (in memorian), levo comigo o amor, incentivo e confiança que sempre depositou em mim.

Em especial, quero expressar minha profunda gratidão ao meu noivo e companheiro de vida, Charles, meu maior incentivador ao longo desses quatro anos de curso. Sem seu apoio, carinho e constante incentivo, essa conquista não seria possível. Obrigada por estar ao meu lado em cada etapa dessa jornada.

Agradeço à professora Cristiane Farias do Nascimento e ao professor Adeilson Rocha (in memorian), que foram fundamentais em uma fase crucial da minha formação. Sou profundamente grata por acreditarem e por despertarem em mim a paixão pela comunicação, que levo comigo até hoje.

Agradeço à Universidade Federal de Pernambuco, instituição que desempenhou um papel fundamental na minha formação acadêmica e na realização deste trabalho. Minha gratidão à minha orientadora, Amanda Mansur, por sua dedicação, paciência e orientação ao longo desta trajetória, sendo indispensável para a conclusão deste projeto e no meu desenvolvimento acadêmico e profissional. Também agradeço aos professores Amilcar Bezerra, Diego Gouveia e Fabiana Moraes que marcaram minha trajetória no curso, e às amigas que construí na universidade, em especial Luzia Torres, Heverton Vinícius e Valdenilson Henrique, cuja companhia e apoio tornaram essa caminhada mais leve e significativa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e para minha trajetória acadêmica, deixo aqui meu mais sincero agradecimento.

"Adquire a sabedoria, adquiere o entendimento; não te esqueças nem te apartes das palavras da minha boca." – Provérbios 4:5

RESUMO

A nominata forró, cuja origem advém do banto-africano 'forrobodó', começou a ser usada no século XIX como sinônimo de festa na qual as pessoas dançavam ao som de instrumentos de corda, do fole e da percussão. Dentre os instrumentos utilizados para produzir o forró, há a sanfona de oito baixos (acordeon diatônico). A transmissão, apreensão e aprendizagem da sanfona de oito baixos ocorrem de maneira formal (acadêmica) e/ou informal (músicos locais, familiares, autoditadas). O presente trabalho estuda a trajetória de Bento da Zabumba, artesão, músico e maestro da Orquestra Sanfônica de Oito Baixos de Santa Cruz do Capibaribe/PE. Diante do risco de desaparecimento dessa prática musical, a pesquisa busca compreender a importância de sua transmissão geracional e do registro audiovisual como ferramenta de salvaguarda. A metodologia concatena pesquisa teórica à produção documental. Como principal resultado, tem-se a produção do documentário **"Eu Sou Bento"**, um curta-metragem que evidencia a relevância da trajetória de Bento, bem como a relevância da tradição do fole de oito baixos na identidade cultural da cidade Santa Cruz do Capibaribe/PE.

Palavras-chave: Documentário; Fole de Oito Baixos; Cultura Popular; Patrimônio Imaterial; Santa Cruz do Capibaribe.

ABSTRACT

The term forró, which comes from the Bantu-African 'forrobodó', began to be used in the 19th century as a synonym for a party in which people danced to the sound of string instruments, bellows and percussion. Among the instruments used to produce forró is the eight-bass accordion (diatonic accordion). The transmission, apprehension and learning of the eight-bass accordion occur in a formal (academic) and/or informal manner (local musicians, family members, self-taught). This paper studies the trajectory of Bento da Zabumba, artisan, musician and conductor of the Orquestra Sanfônica de Oito Baixos de Santa Cruz do Capibaribe/PE. Given the risk of this musical practice disappearing, the research seeks to understand the importance of its generational transmission and of audiovisual recording as a safeguarding tool. The methodology concatenates theoretical research with documentary production. The main result was the production of the documentary "Eu Sou Bento", a short film that highlights the relevance of Bento's trajectory, as well as the relevance of the eight-bass bellows tradition in the cultural identity of the city of Santa Cruz do Capibaribe/PE.

Keywords: Documentary; Eight-Bass Bellows; Popular Culture; Intangible Heritage; Santa Cruz do Capibaribe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 –	Acordeom Diatônico ou fole de oito baixos	18
Imagem 2 –	Orquestra Sanfônica de 8 Baixos de Santa Cruz do Capibaribe/PE	20
Imagem 3 –	Ateliê de Bento da Zabumba em Santa Cruz do Capibaribe/PE	32
Imagem 4 –	Ambientação da equipe	32
Imagem 5 –	Gravação no ateliê	33
Imagem 6 –	Comentários no Instagram	36
Imagem 7 –	Exibição do filme na Mostra Audiovisual do Semestre 2023.2 no NCV	36
Imagem 8 –	Exibição do filme na Mostra Audiovisual do Semestre 2023.2 no NCV	36
Imagem 9 –	Exibição na UESCC	37
Imagem 10 –	Exibição na UESCC	37
Imagem 11 –	Mostra Audiovisual Santa-cruzensense	37
Imagem 12 –	Mesa redonda do Polo Cultural da Festa de Setembro	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
BICC	Bolsa de Incentivo à Criação Cultural
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
NCV	Núcleo de Ciências da Vida
CAA	Centro Acadêmico do Agreste
UESCC	União dos Estudantes de Santa Cruz do Capibaribe
MAS	Mostra Audiovisual Santa-cruzense
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	OBJETIVOS.....	13
2.1	OBJETIVO GERAL.....	13
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
3	JUSTIFICATIVA.....	14
4	METODOLOGIA.....	15
5	FORRÓ.....	17
5.1	HISTÓRIA DO FOLE DE OITO BAIXOS.....	18
5.2	A ORQUESTRA SANFÔNICA DE OITO BAIXOS DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE - PE.....	20
5.3	BENTO DA ZABUMBA.....	24
6	DOCUMENTÁRIO.....	27
7	EU SOU BENTO.....	30
7.1	PRÉ-PRODUÇÃO.....	31
7.2	PRODUÇÃO.....	32
7.3	PÓS-PRODUÇÃO.....	35
7.4	DIVULGAÇÃO.....	36
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS	
	ANEXO A - FICHA TÉCNICA	
	ANEXO B - PÔSTER	

1 INTRODUÇÃO

Um dos pilares da identidade de um povo é a cultura popular que compõe as formas de expressar e transmitir conhecimento entre as gerações, e essas expressões culturais resistem ao tempo e às transformações sociais. O Brasil possui uma riqueza cultural vasta, e no Nordeste brasileiro a cultura regional se destaca por conta da sua diversidade em festivais e costumes populares, no que recebe atenção nacional e internacional com as festas típicas, como as de São João, os festivais de inverno e a diversidade artística do território com as produções de artesanato e apresentações culturais regionais, tudo isso formando os elementos fundamentais da cultura popular nordestina.

Uma das principais expressões populares do Nordeste é o forró, que configura uma herança de saber fazer artístico musical da região. Os forrozeiros, como se chamam os músicos de forró, são responsáveis por manter a execução do forró tradicional persistindo, e são figuras que dedicam suas vidas à preservação e disseminação dos saberes culturais da música. Segundo Câmara Cascudo (1972), a palavra forró seria o decréscimo da palavra banto-africana ‘forrobodó’ para se referir a baile, festa. Silva (2005) e Alves (2007) corroboram com Câmara Cascudo ao afirmarem que, a partir de 1889, em dicionários no Brasil, a nomenclatura forrobodó ou forró com o significado de “baile da ralé”, momento de lazer pós trabalho, sem associação estilos musical e de dança.

A partir de 1960, o forró adquiriu características regionais, especificamente do nordeste brasileiro, juntamente com xote, xaxado, maracatu, rojão, baião, arrasta-pé, embolada, coco (Silva, 2022). Dentre os instrumentos usados para ‘tocar, fazer’ forró, a sanfona de oito baixos, cuja origem histórica é de instrumento chinês chamado *cheng*, criado em 2700 a.C., como o precursor do acordeom (Mascarenhas, 1987; Souza, 2023).

Diante da relevância do estilo forró, patrimônio cultural e imaterial, o presente trabalho tem como proposta registrar e divulgar a trajetória de Bento Severo da Silva, conhecido popularmente como Bento da Zabumba, natural da cidade do Congo, na Paraíba, que é artesão, músico, multi-instrumentista, luthier de zabumbas e triângulos, membro da Orquestra Sanfônica de Oito Baixos, um grupo que se dedica à preservação, transmissão dos saberes tradicionais e do forró tradicional na

cidade de Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste pernambucano, à uma distância de 190 quilômetros da capital pernambucana, Recife, lugar onde ele reside e criou toda sua história na cultura.

A metodologia do trabalho é de abordagem qualitativa, utilizando entrevista semiestruturada e técnicas de produção cinematográfica para a produção do documentário. Foi feita a busca e análise de dados secundários a partir de artigos e livros sobre cultura popular e a Sanfona de Oito Baixos, em prol de construir uma base histórica e cultural sólida para o documentário, bem como uma entrevista e estudo de personagem sobre Bento da Zambumba.

No capítulo 5 faço uma apresentação sobre o fole de oito baixos, explorando suas origens e evolução histórica e a apresentação da Orquestra Sanfônica de Oito Baixos de Santa Cruz do Capibaribe. Em seguida, no capítulo 6, abordo o documentário como estilo audiovisual, explorando de seu conceito até sua atuação como agente de comunicação, destacando as características do formato e nos conceitos delineados pela perspectiva de Nichols. Por fim, apresento o relatório de produção do documentário *Eu Sou Bento* no capítulo 7, dividindo-o em 3 etapas, sendo elas pré-produção, produção, pós-produção e divulgação, neste capítulo detalho todas as etapas até a finalização do documentário.

Como principal resultado do trabalho tem-se o documentário "**Eu Sou Bento**", um curta-metragem que evidencia a relevância da trajetória de Bento, bem como a relevância da tradição do fole de oito baixos na identidade cultural da cidade Santa Cruz do Capibaribe. O documentário *Eu Sou Bento* surge, assim, como uma iniciativa de valorização e registro da trajetória desse mestre, buscando não apenas contar sua história, mas também refletir sobre os desafios da preservação da cultura popular no cenário contemporâneo

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender e corroborar com transmissão geracional e do registro audiovisual como ferramenta de salvaguarda a partir da documentação da trajetória de Bento da Zabumba, artesão, músico e maestro da Orquestra Sanfônica de Oito Baixos de Santa Cruz do Capibaribe/PE.

2.2 Objetivos específicos

- Pesquisar, a partir de dados secundários, a história do fole de oito baixos, resgatando sua chegada e difusão no Nordeste;
- Compreender o contexto da atuação de Bento da Zabumba na Orquestra Sanfônica de Oito Baixos de Santa Cruz do Capibaribe;
- Realizar entrevistas com Bento da Zabumba para registrar suas memórias e vivências;
- Descrever os percalços e desafios enfrentados por Bento da Zabumba em sua trajetória musical e na preservação da cultura popular local;
- Roteirizar, produzir, editar e finalizar um documentário em curta-metragem sobre Bento da Zabumba.

3 JUSTIFICATIVA

O forró tradicional e o fole de oito baixos – acordeon diatônico com padrão de notas semelhante ao de uma gaita, com cada botão do teclado toca duas notas, uma quando abre o fole e outra quando fecha (KOLIA, 2011) – são elementos centrais da identidade musical nordestina, mantidos vivos por meio da memória e da prática de músicos como Bento. Segundo Leonardo Ruggero (2011), o respeito contínuo pela tradição da sanfona de oito baixos é fundamental na sua persistência, pois o ensino desse instrumento é predominantemente baseado na tradição oral e, sem o compromisso de músicos e mestres em manter viva essa prática, muitos dos saberes associados ao instrumento correm o risco de desaparecer.

Diante da ausência de registros formais e da fragilidade da transmissão oral, a criação de um documentário vai para além de um registro, mas também de colaborar com a conscientização da apreciação do forró tradicional e da sanfona de oito baixos como expressões culturais essenciais do Nordeste brasileiro. O registro audiovisual contribui para a preservação da memória individual e coletiva, promovendo o reconhecimento de sua importância para a cultura local e regional.

Bento da Zabumba desempenha um papel histórico na preservação da cultura popular de Santa Cruz do Capibaribe, especialmente no contexto do forró tradicional e do fole de oito baixos. A trajetória de Bento assegura e contribui não apenas a continuidade de saberes tradicionais transmitidos oralmente e de forma empírica, mas também a resistência de práticas culturais que enfrentam a possibilidade de esquecimento em meio a uma crescente homogeneização cultural e transformações sociais com o tempo.

Desta maneira, a relevância do presente trabalho reside não apenas destacar a relevância da trajetória de Bento da Zabumba, mas contribuir para com o debate acerca da importância da preservação do patrimônio cultural imaterial, reforçando o papel da memória, da oralidade e do registro audiovisual na valorização das tradições populares.

4 METODOLOGIA

De acordo com Minayo (2007), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (2007, p. 21), e como o presente trabalho é em função do registro de vida e trabalho de um mestre de música popular, Bento da Zabumba, em que seu significado e importância cultural é a principal justificativa para a pesquisa e documentário, a abordagem escolhida é, assim, a qualitativa, a qual é complementando com um aporte teórico feito a partir duma pesquisa bibliográfica e audiovisual, cujos conteúdos abordam a cultura popular nordestina, o forró tradicional e a sanfona de oito baixos.

Para coleta de dados fiz uma primeira entrevista semiestruturada com o entrevistado, que possibilitou melhor compreensão da vida e do trabalho dele acerca do forró, sanfona de oito baixos e à continuidade dos saberes tradicionais. A entrevista semiestruturada, segundo Minayo (2007), é uma técnica que combina perguntas fechadas e abertas, e a partir dela é possível apurar melhor posicionamentos do entrevistado (Minayo, 2007). A partir das falas de Bento, foi elaborada a narrativa audiovisual que evidenciou sua relevância no cenário cultural local no documentário.

Já a execução do documentário em formato de curta-metragem foi dividida em três fases: pré-produção, gravação e pós-produção, que conforme definido por Cardoso e Ortega (2016), se unem no que é conhecido como fases da produção. A fase de pré-produção é a organização de tudo que é necessário para que o curta-metragem seja realizado com êxito, pois norteará desde a seleção até a contratação de equipe (diretor de fotografia, equipe de captação de filmagem, áudio, equipe de produção, de montagem e finalização). Concomitantemente a essa etapa, houve a locação dos espaços para a realização do curta-metragem e a elaboração do roteiro.

Ainda segundo Cardoso e Ortega (2016), a fase de gravação é a fase de realização das gravações de todos os materiais audiovisuais. Nessa fase, foi realizada uma segunda entrevista com Bento, desta vez registrada para fins de montagem e edição do curta-metragem. Durante a realização da entrevista gravada em áudio e vídeo evitamos ao máximo qualquer interrupção, a fim de garantir a autenticidade e a relevância na partilha das histórias.

A entrevista semiestruturada possibilitou uma conversa aberta e flexível para o documentário, permitindo que o entrevistado expressasse suas experiências e opiniões de maneira mais detalhada, em que considere como base metodológica os conceitos de técnicas de entrevistas de Medina (1986), que explica que:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação (Medina, 1986, p. 8).

A entrevista tornou-se eixo central da narrativa do curta-metragem, e foi organizada de maneira expositiva no documentário, que é uma estrutura proposta por Nichols (2012), em que:

A montagem é desenvolvida com base na estrutura verbal, construindo uma narrativa coesa e envolvente. A organização da fragmentação do mundo histórico através de uma estrutura mais retórica ou argumentativa, [...] onde a montagem é desenvolvida com base na estrutura verbal (Nichols, 2012, p.142-144).

A montagem já faz parte da pós-produção, momento em que o material foi decupado e editado de modo a evidenciar a riqueza cultural existente em Santa Cruz do Capibaribe. Nessa etapa houve a escolha e elaboração da trilha sonora do documentário, contando com Bento da Zabumba tocando uma música autoral. Por fim, foram feitos os créditos e o cartaz do curta-metragem.

Dessa forma, a metodologia combina abordagens de pesquisa qualitativa, técnicas de entrevistas semiestruturadas e a construção de um curta-metragem expositivo para explorar a história e a importância do mestre Bento da Zabumba, buscando sensibilizar o público para sua valorização e preservação.

5 FORRÓ

A palavra "forró" pode ser atribuída a diferentes formas de expressão, tanto musicais quanto poéticas, abrangendo ritmos como o pé-de-serra, raiz, xote, xaxado e baião. Segundo Câmara Cascudo (1898-1986), o termo "forró" é uma redução de "forrobodó", um vocábulo de origem africana, mais precisamente do tronco linguístico bantu, que significa "arrasta-pé", "farra", "confusão" ou "desordem".

Embora exista uma versão popular que sugira que o nome "forró" derivaria da expressão inglesa "*for all*" (para todos), a hipótese não encontra respaldo histórico, pois, como Cascudo destaca, o termo "forrobodó" já era utilizado antes da chegada dos britânicos ou americanos ao Brasil.

A etimologia da palavra é um ponto de discussão interessante, mas não é o único elemento a ser considerado na análise do forró. Sua evolução ao longo do tempo reflete um processo de transformação que o levou de uma expressão popular associada a festas e celebrações, para um gênero musical reconhecido em todo o país, especialmente no Nordeste.

Em dezembro de 2021, o forró foi oficialmente reconhecido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, uma conquista que reafirma sua importância histórica e cultural para o país. O forró, com suas matrizes tradicionais, convive nos dias de hoje com diversas vertentes e adaptações modernas, como o forró eletrônico, mas continua sendo celebrado, em sua forma mais genuína, nos pequenos e grandes festejos de todo o Brasil.

Segundo Morigi (2011), as expressões culturais tradicionais, como as festas juninas no Nordeste, assumem, no contexto contemporâneo, a feição de grandes espetáculos urbanos, muitas vezes aderindo à lógica da sociedade urbano-industrial e tornando-se produtos da indústria cultural,

As expressões das culturas tradicionais, marcadas pelos caracteres espontâneos, genuínos, originais e vínculos identitários locais e regionais como as festas juninas no Nordeste e outros rituais assumem, no contexto social contemporâneo, a feição de grandes espetáculos urbanos, aderindo a lógica da sociedade urbano-industrial, tornando-se produto da indústria cultural (Morigi, 2011, p. 251).

Esse fenômeno também é observado no forró, que, ao longo das décadas, passou de uma manifestação puramente local para um gênero amplamente

comercializado, especialmente com a popularização do forró eletrônico. Contudo, as matrizes tradicionais do forró – como o xaxado, o coco, a mazurca, os sambas de latada, as novenas e a música de rabeca e pífano – continuam a alimentar as versões mais contemporâneas do gênero.

A partir da década de 1950, o forró começa a ser consolidado como um gênero musical distinto. Com o sucesso das canções “Forró de Mané Vito” (1949) e “Forró no Escuro” (1958), compostas por Luiz Gonzaga, o forró ganha novos contornos, tornando-se uma marca registrada do Nordeste e sendo amplamente associado à obra de Gonzaga, o “Rei do Baião”. De acordo com Francisco (2006), a origem do forró está intimamente ligada ao trabalho de Luiz Gonzaga e à sua habilidade de mesclar as tradições do sertão com influências mais amplas, como as danças de salão europeias, consolidando o forró como um gênero musical de expressão nacional.

O forró moderno, especialmente na sua vertente eletrônica, apresenta uma grande inovação ao incorporar sons de sintetizadores, baterias e outros instrumentos que ampliam a sua acessibilidade, mas também geram um distanciamento das raízes do gênero. Esse movimento é reflexo das mudanças sociais e culturais que caracterizam a sociedade atual, onde a globalização e a indústria cultural desempenham papéis significativos na transformação dos produtos culturais.

Embora a popularização do forró eletrônico tenha sido um dos maiores impulsos para sua visibilidade, muitos músicos e estudiosos defendem a preservação das raízes tradicionais do forró. Bandas e artistas que se dedicam ao forró pé-de-serra, como Bento da Zabumba, mestre da cultura popular e personagem principal deste trabalho, continuam a manter viva a essência do forró, resistindo à padronização imposta pela indústria musical e preservando a sua diversidade regional.

5.1 História Do Fole De Oito Baixos

No Brasil, o fole de oito baixos (Imagem 1) é conhecido por diferentes nomes conforme a região: no Nordeste, é chamado de “pé-de-bode” ou “concertina”, enquanto no Sul recebe o nome de “gaita-ponto”. Esse instrumento é uma versão menor do acordeão, contendo 21 botões organizados em duas fileiras na mão direita

e oito baixos na mão esquerda. Sua chegada ao país remonta ao século XIX, trazido por imigrantes europeus. Antes que o acordeão de 120 baixos se tornasse mais comum, o modelo de oito baixos já possuía forte presença no Nordeste, sendo considerado um símbolo da tradição sanfoneira. Considerado parte do cotidiano de muitas comunidades rurais e urbanas periféricas, especialmente em festas e bailes, onde era utilizado para tocar músicas instrumentais (RUGERO, 2009).

Imagem 1: Acordeom Diatônico ou fole de oito baixos.



Fonte: ROBERTS, 2015.

O som singular do fole de oito baixos ocorre devido sistema de afinação diatônica, com diferenciação da afinação cromática do acordeão de 120 baixos. Tal característica sonora exige, requer do músico alternância no movimento do fole para gerar diferentes notas, resultando em um timbre característico. A maneira de tocar foi essencial para a construção da identidade sonora de gêneros como o baião, o xote e o forró pé de serra. Como destaca Rugero (2009):

A característica marcante da sanfona de 8 baixos é a bi sonoridade: abrindo o fole, o botão corresponde a uma nota; fechando, à outra. Ou, como dizem os sulistas, a sanfona de oito baixos funciona pelo sistema chamado de “voz trocada” ou “gaita de duas conversas”. É isto que, basicamente, diferencia a sanfona em relação ao acordeom de teclado, onde cada tecla ou botão corresponde a uma única nota, independentemente do movimento do fole (Rugero, 2009, p. 4).

Em Santa Cruz do Capibaribe, a tradição do fole de oito baixos se mantém viva por meio de mestres como Bento da Zabumba, que desempenham seu papel na transmissão do conhecimento musical para as novas gerações. A partilha de saberes ocorre predominantemente de forma oral e prática, seguindo um modelo de aprendizado intuitivo que tem raízes profundas na cultura popular. De acordo com Rugero (2009), o ensino da sanfona de oito baixos é tradicionalmente transmitido de

forma oral, sendo um processo de imersão em que o aprendiz desenvolve suas habilidades por meio da convivência com mestres e músicos experientes.

Rugero (2009) destaca que o ensino da sanfona de oito baixos é predominantemente baseado na tradição oral, com conhecimento muitas vezes transmitido de pai para filho. Portanto, a música da sanfona de oito baixos brasileira é preservada principalmente através da memória dos próprios músicos e das gravações disponíveis. A relevância da valorização do ensino desse instrumento para garantir que essa tradição não seja perdida ao longo do tempo.

Além de mestres como Bento da Zabumba, a Orquestra Sanfônica de Oito Baixos tem sido um importante espaço de valorização e preservação do instrumento, reunindo músicos dedicados à manutenção da tradição do fole no cenário nordestino. A continuidade dessa tradição enfrenta desafios contemporâneos, como a diminuição do número de sanfoneiros e a predominância de instrumentos eletrônicos na música popular. No entanto, a persistência de músicos e instituições que promovem a prática do fole de oito baixos demonstra que, apesar dos desafios, há um esforço coletivo para que esse patrimônio cultural continue vivo.

Dessa forma, o fole de oito baixos segue como um elemento fundamental para a cultura musical nordestina. Seu som inconfundível e sua forma de ensino baseada na oralidade reforçam sua posição como símbolo da tradição popular. Para que essa herança permaneça ativa, é essencial incentivar novas gerações de sanfoneiros e valorizar iniciativas que promovam seu ensino e sua prática. O desafio atual não é apenas preservar a memória desse instrumento, mas garantir que ele continue sendo uma peça viva da cultura musical brasileira.

5.2 A Orquestra Sanfônica De Oito Baixos De Santa Cruz Do Capibaribe – PE

A Orquestra Sanfônica de Oito Baixos, formada em 2007 em Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste pernambucano, constitui um importante elemento da preservação e resistência cultural da música tradicional nordestina. Esta orquestra tem como objetivo revitalizar e perpetuar o uso do fole de oito baixos, um instrumento essencial nas manifestações culturais da região, mas que, ao longo dos anos, tem sido progressivamente substituído por acordeons mais modernos e eletrônicos. Tal fenômeno representa uma ameaça à continuidade de um patrimônio

musical que está profundamente enraizado na história e identidade do povo nordestino, especialmente nas festas populares e nos folguedos tradicionais.

Imagem 2: Orquestra Sanfônica de 8 Baixos de Santa Cruz do Capibaribe/PE



. Fonte: arquivo pessoal (2023).

A fundação da Orquestra Sanfônica de Oito Baixos teve início a partir da pesquisa do acadêmico Anselmo Alves, que, ao buscar uma cidade com um número expressivo de tocadores desse instrumento, foi indicado por Arlindo dos Oito Baixos a Santa Cruz do Capibaribe. Na cidade, Alves encontrou Bento da Zabumba, músico tradicionalmente reconhecido, que assumiu a responsabilidade de reunir os sanfoneiros locais e formar o grupo que viria a ser a orquestra. Esse processo de formação da orquestra representa um resgate cultural, dado que o aprendizado da sanfona de oito baixos tradicionalmente ocorre de maneira informal, transmitido de geração em geração, por meio da vivência e do ensino oral, e não em escolas formais de música.

Esse processo de transmissão da prática musical se insere no conceito de memória-patrimônio, conforme destacado por Pierre Nora (1986), no qual a memória não é apenas um testemunho do passado, mas um bem comum e uma herança coletiva, constantemente ressignificada pelo presente,

Por memória-patrimônio não basta se contentar em entender o alargamento brutal da noção e sua dilatação recente e problemática a todos os objetos testemunhos do passado nacional, mas, muito mais profundamente, a transformação em bem comum e em herança coletiva das implicações da memória mesma (Nora, 1986, p. 2210).

Em entrevista, Bento da Zabumba salientou a complexidade do instrumento, afirmando que a sanfona de oito baixos, embora pertencente à mesma família da sanfona em geral, exigindo domínio técnico específico e um toque especial, o que a torna distinta de outros tipos de sanfona. Segundo o entrevistado, o aprendizado do instrumento não é acessível de forma convencional, sendo passado de mestre para discípulo, em uma relação direta e pessoal. Esse processo de transmissão informal de conhecimento é um dos principais fatores que dificultam a continuidade da tradição da sanfona de oito baixos, especialmente considerando o pouco incentivo para que as novas gerações se envolvam com a prática musical tradicional.

Essa fragilidade na transmissão cultural reflete um dos aspectos apontados por Nora (1993), quando ele argumenta que a memória está em constante transformação e vulnerável ao esquecimento e manipulações. A sanfona de oito baixos, assim como outros instrumentos tradicionais, está sujeita a essa situação, especialmente diante das transformações aceleradas da sociedade contemporânea,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico (Nora, 1993, p. 9).

A Orquestra Sanfônica de Oito Baixos enfrenta, atualmente, uma série de desafios, a saber: atrair jovens para o aprendizado do instrumento, falta de divulgação, predomínio de instrumentos mais populares e acessíveis, escassez de apoio institucional, com os músicos frequentemente dependendo de apresentações em festivais e nas festas de São João, sem a garantia de uma continuidade estável de trabalho.

O presente contexto reflete a precariedade das políticas culturais e ausência de mecanismos de valorização e preservação da música tradicional nas políticas públicas do país. A Orquestra Sanfônica de Oito Baixos é lugar de memória, conforme o conceito de Nora (1993), um espaço que resiste ao apagamento

histórico e serve como um refúgio para a tradição musical nordestina. Como ele aponta, esses lugares emergem justamente em momentos de acelerada globalização e transformação cultural, quando determinadas tradições correm o risco de desaparecer.

Além disso, a distinção entre os tipos de lugares de memória descritos por Nora (1993) pode ser aplicada à Orquestra Sanfônica de Oito Baixos. Diferente de monumentos ou eventos oficiais imponentes, que representam os "lugares dominantes", a orquestra se encaixa no perfil dos "lugares refúgio", onde se preserva espontaneamente a fidelidade à tradição, em um espaço vivo e dinâmico que não se impõe, mas resiste. Sendo assim, a Orquestra Sanfônica não é apenas um grupo musical, mas um símbolo da continuidade e resistência da cultura popular nordestina, desempenhando um papel fundamental na manutenção da memória cultural local.

Oporemos, por exemplo, os lugares dominantes aos lugares dominados. Os primeiros, espetaculares e triunfantes, imponentes e geralmente impostos. Quer por uma autoridade nacional, quer por um corpo constituído. Mas sempre de cima, tem, muitas vezes a frieza ou a solenidade das cerimônias oficiais. Mais nos deixamos levar do que vamos a eles. Os segundos são os lugares refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória. De um lado Sacré-Coeur, de outro, a peregrinação popular a Lourdes (Nora, 1993, p. 26).

Em suma, a Orquestra Sanfônica de Oito Baixos desempenha um papel essencial na preservação do fole de oito baixos e na continuidade de uma tradição cultural que faz parte do patrimônio imaterial do Nordeste brasileiro. No entanto, a luta pela manutenção desse legado enfrenta desafios estruturais significativos, como a falta de apoio institucional e a escassez de novos praticantes do instrumento. Portanto, é essencial que se implementem políticas culturais mais eficazes e se promovam iniciativas de incentivo ao aprendizado e à difusão da sanfona de oito baixos, de modo a garantir a sobrevivência e o fortalecimento dessa importante manifestação cultural.

Como enfatiza Pierre Nora (1993), os lugares de memória surgem da necessidade de preservar elementos culturais diante do avanço de um mundo cada vez mais marcado pela efemeridade e pelo esquecimento.

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não tem referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não

que não tenham conteúdo, presença física ou história; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história (Nora, 1993, p. 27).

5.3 Bento da Zabumba

Bento Severo da Silva, mais conhecido como Bento da Zabumba, músico, compositor, artesão de instrumentos e produtor. Nasceu em 21 de março de 1958, na cidade de Congo/PB. Radicado em Santa Cruz do Capibaribe/PE, sendo uma das figuras mais importantes da cultura popular santa-cruzense. Sua trajetória se confunde com a história do forró e da sanfona de oito baixos na região, onde desempenha um papel fundamental na preservação e disseminação desses ritmos. Seu trabalho reflete a dinâmica da cultura popular como uma arena de luta e resistência, onde tradição e inovação se encontram.

Como Stuart Hall (2009) destaca, "a cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta" (p. 246). E continua:

A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência. Não é a esfera onde o socialismo ou uma cultura socialista – já formada – pode simplesmente ser "expressa". Mas é um dos locais onde o socialismo pode ser constituído. É por isso que a cultura popular importa (Hall, 2009, p. 246).

Desde os oito anos de idade, Bento teve contato com a música por meio de seu tio e seu irmão mais velho, que tocavam sanfona de oito baixos. Sem acesso imediato a uma zabumba, seu primeiro instrumento foi um reco-reco, que usava para acompanhar os músicos da família. Ao se mudar para Santa Cruz do Capibaribe, adquiriu uma zabumba e, desde então, sua relação com a percussão tornou-se inseparável. Hoje, são mais de 50 anos dedicados à zabumba e à sanfona de oito baixos.

A identidade cultural de Bento se constrói na interação entre memória e experiência, refletindo um processo de identificação que se inscreve na cultura e através dela. Como Hall aponta, "nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas" (HALL, 1997, p. 26-27). Nesse sentido, Bento não apenas

perpetua uma tradição, mas também redefine e reinterpreta sua prática dentro das demandas contemporâneas.

Na adolescência, Bento integrou a caravana do renomado sanfoneiro Ivan Bulhões, com quem tocou por oito anos. Essa experiência solidificou seu talento e o aproximou ainda mais do universo musical. Em 2007, ajudou a fundar a Orquestra Sanfônica de Oito Baixos de Santa Cruz do Capibaribe/PE, onde, além de tocar, também exerce papel de organizador. A orquestra se tornou referência nacional, chegando a ser destaque em veículos como o Jornal Nacional e o Fantástico, da TV Globo, por reunir o maior número de tocadores de sanfona de oito baixos do país. A repercussão foi tamanha que rendeu convites para apresentações internacionais.

A memória desempenha um papel central na construção da identidade de Bento como mestre da cultura popular. Como Candau afirma, "a memória é 'geradora' de identidade, no sentido que participa de sua construção; essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a 'incorporar' certos aspectos particulares do passado" (CANDAU, 2014, p. 19). Bento encarna essa relação entre memória e identidade, sendo ao mesmo tempo herdeiro e inovador da tradição,

A memória é 'geradora' de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a 'incorporar' certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, [...] que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída 'no interior de uma lembrança' (Candau, 2014, p. 19).

Preocupado com a continuidade da tradição, Bento tem se dedicado a buscar recursos para formar novos músicos, um de seus pupilos é neto do falecido mestre sanfoneiro Fogoió, que já começa a se destacar na cena musical. Essa transmissão de conhecimento ilustra a dialética entre permanência e mudança na cultura popular. Como Hall observa, "essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas" (HALL, 2011, p. 239).

Com uma história de vida dedicada à música e ao artesanato, Bento da Zabumba é um verdadeiro mestre da cultura popular nordestina. Seu legado está vivo nas apresentações da Orquestra Sanfônica de Oito Baixos, nos instrumentos

que produz e na paixão que transmite a cada batida de zabumba e acorde de sanfona. Santa Cruz do Capibaribe tem em Bento um patrimônio vivo, um guardião da sonoridade autêntica do Nordeste, cuja trajetória exemplifica a maneira como a tradição pode ser reorganizada e ressignificada dentro de novos contextos.

6 DOCUMENTÁRIO

Embora as origens das primeiras incursões cinematográficas no gênero documentário estejam frequentemente ligadas aos irmãos Lumière com o filme “A Chegada do Trem na Estação” de 1896, é importante destacar que o formato e a definição de documentário que conhecemos hoje se deu ao longo da década de 1920, no século XX, através do cineasta norte americano Robert Flaherty com o filme “Nanook, o Esquimó” de 1922.

Muito se é falado em quais são as características que definem o que é um documentário, Flaherty que tinha intenção de realizar um filme de viagem acabou dando uma outra perspectiva ao centralizar sua narrativa em um personagem real e contar sua história. O autor Luiz Carlos Lucena, no seu livro Como fazer documentários (2012), explica como o cineasta Robert Flaherty contribuiu para a criação desse novo gênero:

Flaherty contribuiu para a criação de um novo tipo de filme, situado entre os filmes de viagem e os filmes de ficção, ao colocar na tela um personagem real e a representação realista de uma comunidade e de seu ambiente. Enquanto os filmes de viagem eram centrados na figura do explorador, que usava as imagens para estabelecer uma narrativa visual em primeira pessoa, Nanook, o esquimó trazia como diferenciais a vida da comunidade, sem a presença do explorador, e a narrativa descrita em cartelas com legendas (o narrador em off em textos-legendas). Além disso, a produção tinha como fio condutor uma narrativa dramática opondo o homem a seu meio ambiente gelado, realizada por meio da montagem do material colhido, com a inserção de cenas “criadas” mediante representação (Lucena, 2012, p. 22-23).

O documentário desafia os espectadores a refletirem sobre como percebem a realidade e como as narrativas documentais podem contribuir para uma compreensão mais profunda e significativa do mundo. Ele vai além de simplesmente registrar eventos; ele busca explorar os significados subjacentes e provocar reflexões. Vale destacar que o documentário não pode ser considerado totalmente fiel aos fatos, como fala o autor Nichols (2005, p.68): “um documentário é um tratamento criativo da realidade, não uma transcrição fiel dela”. Podemos visualizar melhor quando um documentário não necessariamente transcreve fielmente uma realidade no próprio filme “Nanook, o Esquimó” do cineasta Robert Flaherty, que utilizou de técnicas estético-narrativas do cinema ficcional, como ainda conta Nichols:

A prática do documentário permite que a imagem gere uma impressão adequada, não uma garantia de autenticidade total em todos os casos.

Assim como a fotografia, o documentário também pode ser “modificado”. O “pai” do documentário, Robert Flaherty, por exemplo, criou a impressão de que algumas cenas se passavam dentro do iglu de Nanook, quando, de fato, elas foram gravadas ao ar livre, com um meio iglu maior do que o normal como pano de fundo. Isso deu a Flaherty luz suficiente para filmar, mas exigiu que seus personagens atuassem como se estivessem no interior de um iglu de verdade, quando não estavam (Nichols, 2005, p.120).

A partir disso podemos entender que o gênero documentário pode ser definido como uma forma de olhar acontecimentos representando a realidade, geralmente de forma objetiva e informativa. O documentário também se concentra em apresentar eventos, pessoas, lugares ou questões do mundo real, muitas vezes com o objetivo de informar, educar, provocar reflexão ou documentar aspectos da sociedade e da cultura. Bill Nichols (2005) descreve seis modos de fazer cinema documentário, cada um com sua abordagem única, sendo eles: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

Cada documentário tem sua voz distinta. Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma “natureza” própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital. Ela atesta a individualidade do cineasta ou diretor, ou, às vezes, o poder de decisão de um patrocinador ou organização diretora (Nichols, 2010, p. 135).

Para o presente trabalho foram escolhidas duas das vozes descritas por Nichols (2005); a participativa na qual se tem uma interação do cineasta com o tema por meio de entrevistas ou outras interações, e a reflexiva que busca provocar a conscientização e até mesmo instigar alguns questionamentos sobre o que está sendo proposto no documentário.

Bárbara Almeida na sua dissertação de mestrado *O filme documental como criador de impacto social: o movimento vegan no documentário veggie revolution* (2020), conta como o documentário assume esse papel educativo e de conscientização:

Na indústria cinematográfica vemos que, na grande maioria, é o cinema documental que assume o papel de cinema com a missão de informar, educar, consciencializar, divulgar e, possivelmente, provocar alguma mudança social, seja num âmbito local ou global (Almeida, 2020, p 28).

O documentário é uma forma poderosa de comunicação e representação do mundo real. Essa forma poderosa de comunicação, dá ao documentário um poder persuasivo que através da emoção do espectador podem provocar mudanças na sociedade. Nichols descreve como os cineastas podem utilizar desse poder em um documentário:

Assim fazem muitos documentários, quando têm a intenção de persuadir-nos a adotar uma determinada perspectiva ou ponto de vista sobre o mundo. Os cineastas são frequentemente atraídos pelos modos de representação do documentário quando querem nos envolver em questões diretamente relacionadas com o mundo histórico que todos compartilhamos. Alguns enfatizam a originalidade ou a característica distintiva de sua própria maneira de ver o mundo: vemos o mundo que compartilhamos com o se filtrado por uma percepção individual dele. Alguns enfatizam a autenticidade ou a fidelidade de sua representação do mundo: vemos o mundo que compartilhamos com uma clareza e uma transparência que minimizam a importância do estilo ou da percepção do cineasta. Nos dois casos, aqueles que adotam o documentário com o veículo de expressão desviam nossa atenção para o mundo que já ocupamos. Fazem isso com a mesma engenhosidade e inventividade que os cineastas de ficção usam para atrair nossa atenção para mundos que, de outra forma, jamais conheceríamos (Nichols, 2005, p.20).

Dessa forma, podemos concluir que o uso do documentário para retratar a história de Bento da Zabumba, atende nosso principal objetivo: manter viva a tradição cultural e incentivar ações de salvaguarda, utilizando das vozes e técnicas descritas por Nichols (2005).

7 EU SOU BENTO

Compreender e preservar as vivências dos mestres da cultura popular é essencial para garantir que suas histórias e saberes não se percam com o tempo. Em 2022, tive a oportunidade de me aprofundar na história e no legado de Bento da Zabumba, um dos maiores representantes da música tradicional nordestina em Santa Cruz do Capibaribe. O projeto surgiu a partir de uma pesquisa do PIBIC, conduzida com a orientação do Prof. Dr. Amílcar Almeida Bezerra, que se concentrava no registro etnográfico do forró no Agreste Pernambucano, em que inicialmente a cidade de Santa Cruz do Capibaribe não estava no roteiro, mas, ao perceber a relevância da Orquestra Sanfônica de Oito Baixos e a importância de Bento, decidimos incluir a cidade.

A pesquisa proporcionou contato direto com Bento, suas vivências e desafios para preservar a tradição do forró e da sanfona de oito baixos. Com isso, surgiu a ideia de realizar um documentário sobre sua trajetória, suas memórias e sua missão de manter viva a música e os saberes populares. Em 2023, fui contemplada com a Bolsa de Incentivo à Criação Cultural da UFPE (BICC), o que me possibilitou dar continuidade a esse projeto, com a produção do documentário "Eu Sou Bento", com os valores da bolsa adquiri uma câmera, que foi essencial para a realização do filme.

A produção do documentário foi realizada com recursos próprios, e de forma voluntária, meu colega de curso Valdenilson Henrique, me ajudou na concepção do documentário auxiliando na parte técnica da filmagem e captação de som, assim como na montagem. Todo o trabalho foi guiado pelos conhecimentos adquiridos nas disciplinas audiovisuais do curso de Comunicação Social da UFPE, especialmente nas disciplinas de Introdução ao Audiovisual e Cinema Documental, que forneceram as bases necessárias para a realização do projeto. A gravação foi feita sem nenhum orçamento, não tendo a possibilidade de contratar uma equipe técnica maior ou alugar equipamentos de maior qualidade.

Infelizmente, o material gravado foi perdido, o que impediu que impossibilitou a criação de novos conteúdos a partir das capturas. Apesar dessa dificuldade, a experiência de produção foi rica e valiosa, não apenas por ser um aprendizado prático, mas principalmente por ser uma maneira de valorizar e documentar a trajetória de Bento da Zabumba, um mestre da cultura popular, e a tradição da música nordestina. O documentário "Eu Sou Bento" é, portanto, um esforço para

preservar e compartilhar o legado de um dos maiores representantes da cultura musical do Agreste de Pernambuco.

7.1 Pré-produção

A pesquisa para a realização do documentário Eu Sou Bento teve início ainda em 2023, durante minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Desde essa fase inicial, já considerava a possibilidade de transformar a pesquisa em um documentário, visando registrar e valorizar a trajetória de Bento da Zabumba como músico, artesão e guardião da cultura popular nordestina.

Ao longo do processo de investigação, aprofundei-me na história do protagonista, levantando dados sobre sua vida e sua relevância cultural. Durante esse período, estabeleci os primeiros contatos com ele e com pessoas próximas, buscando criar uma relação de confiança essencial para a condução do documentário. Esse vínculo inicial foi fundamental para que a narrativa fosse construída com respeito e autenticidade.

As reuniões de pré-produção começaram no dia 01 de março de 2024, quando me reuni com Valdenilson Henrique para compartilhar o projeto e fazer possíveis ajustes no que havia planejado. No dia 07 de março de 2024 nos reunimos mais uma vez para fazer a adequação do roteiro e definição da ordem do dia. Nessa etapa, ajustamos a estrutura narrativa do documentário, organizamos as entrevistas e planejamos a dinâmica das gravações.

No dia 10 de março de 2024, realizamos uma reunião específica para a escolha das locações. A seleção dos espaços levou em consideração a importância dos ambientes na vida de Bento da Zabumba, optando por cenários que traduzissem sua história e sua relação com a música e o artesanato. Durante essa reunião, também analisamos as condições de iluminação natural, a acústica dos locais e a viabilidade logística das gravações. Como eu já conhecia os espaços pelas minhas visitas durante o PIBIC, tornou-se mais fácil visualizar as gravações.

Além do planejamento técnico, discutimos a abordagem documental a ser adotada, priorizando uma estética que transmitisse a essência do personagem sem interferências artificiais. Buscamos um estilo visual que equilibrasse espontaneidade

e precisão técnica, garantindo que as imagens refletissem a autenticidade da história contada.

Com o roteiro finalizado e as locações definidas, organizamos o cronograma de filmagens para o dia 11 de março de 2024. A logística da gravação foi estruturada para otimizar o tempo disponível e garantir que todos os registros planejados fossem realizados com qualidade técnica e narrativa. Para isso, contamos com equipamentos adequados para a captação de som e imagem, equilibrando a estética desejada com as condições de produção independente.

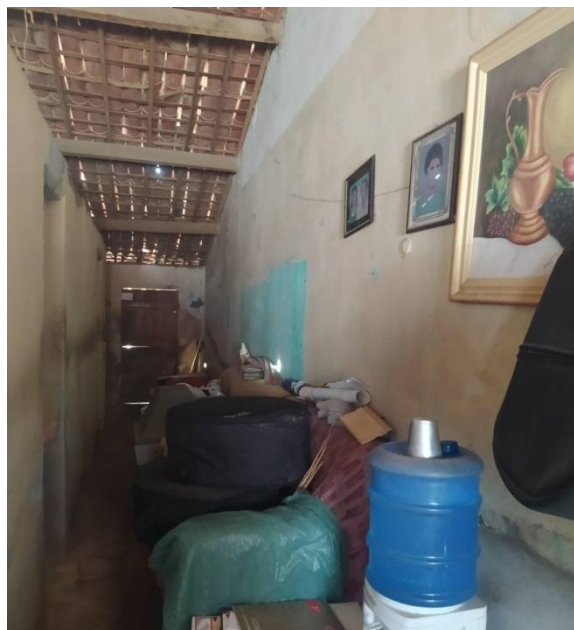
Apesar dos desafios inerentes a uma produção independente, a fase de pré-produção garantiu a estrutura necessária para que a gravação ocorresse de maneira eficiente e respeitosa à história do protagonista.

7.2 Produção

Iniciamos as filmagens do documentário no dia 11 de março de 2024. A equipe foi composta por apenas duas pessoas, exigindo uma organização minuciosa para otimizar o tempo e garantir a captação de todo o material necessário dentro da limitação de uma única diária de gravação. A direção e o roteiro ficaram sob minha responsabilidade, que também atuei na direção de fotografia, produção e design. Valdenilson Henrique, por sua vez, foi responsável pela montagem e edição, além de atuar como técnico de som e assistente de fotografia. O comprometimento de ambos foi essencial para a realização do projeto, principalmente considerando que todos os custos foram arcados de forma independente, sem possibilidade de contratação de uma equipe maior.

Foram utilizadas duas locações para a gravação: a primeira ocorreu pela manhã na casa de Bento da Zabumba, onde o foco foi captar a intimidade e individualidade do personagem. Durante essa etapa, registramos sua história de vida, suas reflexões sobre a música e o impacto que essa arte teve em sua trajetória. O ambiente domiciliar permitiu explorar elementos pessoais, como prêmios, fotografias e instrumentos que simbolizam sua caminhada. O objetivo era criar uma conexão entre o público e o personagem, transmitindo a importância de sua história no cenário cultural local.

Imagem 3: Ateliê de Bento da Zabumba em Santa Cruz do Capibaribe/PE.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Houve filmagens nas ruas onde Bento mora, dando início às gravações do documentário. Esse momento foi essencial para estabelecer o tom da produção e dar o primeiro passo para imergir na vida do personagem.

Imagem 4: Ambientação da equipe.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

A segunda locação fora no ateliê de Bento, no qual ele fabrica artesanalmente instrumentos como a zabumba e o triângulo. Nesse espaço, o foco foi demonstrar

seu processo criativo e a técnica empregada na produção dos instrumentos. A captação de imagens privilegiou detalhes do trabalho manual, buscando evidenciar a riqueza do fazer artesanal e a dedicação de Bento ao seu ofício. No ateliê, a câmera e os equipamentos de iluminação estavam posicionados para capturar a expressão de Bento enquanto ele falava sobre seu trabalho e sua relação com a música. O ambiente do ateliê foi fundamental para ilustrar o contexto de sua criação e a importância dos instrumentos na sua vida.

Imagem 5: Gravação no ateliê de Bento.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

A execução do documentário em uma única diária impôs desafios, como a necessidade de otimização do tempo e a prevenção de contratempos técnicos. Para minimizar possíveis problemas, planejamos previamente os enquadramentos, a disposição dos equipamentos e a ordem das gravações. Apesar das limitações financeiras e logísticas, conseguimos captar a essência da história de Bento da Zabumba, preservando sua autenticidade e reforçando a relevância de seu legado na cultura musical nordestina.

7.3 Pós-produção

A pós-produção de *Eu Sou Bento* começou logo após a gravação, em 12 de março de 2024, com o processo de decupagem do material, que se estendeu até 16 de março, quando o primeiro corte do documentário foi finalizado. Ao longo de cinco dias, analisamos e organizamos mais de 2 horas de material bruto, com o objetivo de reduzir para cerca de 15 minutos. No entanto, devido à riqueza dos relatos e à quantidade de histórias importantes captadas, o documentário finalizou com 19 minutos de duração, um pouco mais longo do que o inicialmente planejado, mas que conseguimos otimizar sem perder a essência das histórias.

Foram feitos três cortes durante o processo de edição. O primeiro corte focou em organizar o material de forma linear e coerente, enquanto os cortes subsequentes refinaram a narrativa, melhorando as transições e a fluidez entre os atos do documentário. A estrutura foi dividida em dois atos principais: o primeiro, na casa de Bento da Zabumba, centrado em sua história de vida e seu papel no cenário musical local; o segundo, no ateliê de Bento, onde ele compartilha seu processo criativo e a produção artesanal dos instrumentos. Essa estrutura foi essencial para uma narrativa coesa.

A organização do material envolveu uma decupagem cuidadosa, onde as imagens foram separadas em três categorias: as que seriam utilizadas, as que poderiam ser, e as que não seriam. Isso facilitou a construção do documentário e ajudou a manter o foco na história central. Algumas cenas, embora interessantes, não foram incluídas, pois não contribuí diretamente para o desenvolvimento da narrativa ou não se encaixavam no tempo disponível.

O trabalho de edição envolveu a correção de cores, já que as filmagens foram feitas com duas câmeras diferentes, o que gerou discrepâncias nas cores das imagens. A correção de cor foi realizada para uniformizar o tom de todo o material, criando uma estética coesa. Além disso, houve a necessidade de ajustes de áudio, principalmente devido a ruídos externos, como o barulho de vizinhos em obras, nas filmagens realizadas no ateliê. A eliminação desses ruídos foi um desafio, dado o equipamento de áudio disponível, mas fizemos o possível para melhorar o som.

Após a primeira apresentação do documentário na BICC, nosso plano era fazer uma segunda versão, aplicando cortes mais refinados, já que teríamos mais tempo para trabalhar na edição e aprimorar a coesão narrativa. No entanto, houve

um imprevisto significativo: o material bruto, incluindo áudios e filmagens, foi perdido após uma limpeza do espaço do drive de e-mail da Universidade de Valdenilson, onde o conteúdo estava armazenado. Embora alguns arquivos tenham sido recuperados do meu drive pessoal, a maior parte do material foi perdido, restando apenas a primeira versão final do documentário, que foi apresentada.

A colaboração com o BICC foi essencial para a realização deste projeto. Como minha primeira experiência filmando e produzindo um documentário, enfrentamos muitos desafios, mas o apoio da bolsa de incentivo foi fundamental para a conclusão do trabalho. Sem esse apoio, o projeto não teria saído do papel.

Na versão final do documentário, decidimos incluir as logomarcas das parcerias institucionais, o que foi importante para reconhecer o incentivo recebido. A finalização foi concluída com uma narrativa sincera e sensível, preservando as memórias e o legado de Bento da Zabumba e oferecendo uma visão do universo musical e artesanal que ele representa.

7.4 Divulgação

A partir da finalização da montagem do filme, foi criada a conta do documentário no Instagram para iniciar as divulgações sobre o processo de filmagem, assim como a divulgação de futuras exhibições. A conta na rede atingiu 96 seguidores, apesar do pequeno número o trailer divulgado na conta teve um grande alcance, foram 3919 visualizações com interações de grandes nomes do forró tradicional, também conhecido como forró pé de serra, como Alcymar Monteiro e Flávio José e demais intérpretes do estilo, como o cantor Jordão Jó e Dori do Acordeon (Imagem 6).

Como previamente determinado no formulário de inscrição do edital da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC) promovida pela Universidade Federal de Pernambuco, a contrapartida do projeto previa a exibição do filme aberto à comunidade (Imagem 7 e 8). Com isso, a primeira exibição do documentário Eu Sou Bento foi realizada no dia 20 de março de 2024 no auditório do Núcleo de Ciência da Vida (NCV) no bloco do curso de medicina do Centro Acadêmico do Agreste (CAA). Na ocasião, além da exibição do filme, tivemos um bate papo com o público presente relatando um pouco da experiência e da pesquisa realizada para a realização do filme.

Imagem 6: Comentários no Instagram.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Imagem 7: Exibição do filme na Mostra Audiovisual do Semestre 2023.2 no NCV.



Fonte: acervo pessoal (2024)

Imagem 8: Exibição do filme na Mostra Audiovisual do Semestre 2023.2 no NCV.



Fonte: acervo pessoal (2024)

Além da exibição no NCV, o documentário foi exibido em mais 3 eventos durante o ano de 2024, reforçando a importância do filme para a preservação e

divulgação de um saber popular tão importante (Imagens 8 e 9). No dia 02 de agosto de 2024, o documentário foi exibido no Agosto da Cultura do Instituto UESCC de Santa Cruz do Capibaribe, com a presença de alunos do ensino médio da rede pública da cidade e do personagem principal do documentário, o Bento da Zabumba.

Imagem 9: Exibição na UESCC.



Fonte: Acervo pessoal (2024)

Imagem 10: Exibição na UESCC.



Fonte: Acervo pessoal (2024)

No dia 28 de agosto de 2024 o documentário foi exibido na Mostra Audiovisual Santa-cruzense (MAS), primeira mostra audiovisual da cidade, também contando com a presença de alunos da rede pública de ensino e demais produtores da região. Para finalizar o ciclo de exibições em 2024, o documentário também foi

exibido no Polo Cultural da tradicional Festa de Setembro da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, no dia 27 de setembro de 2024, além da exibição teve um mesa redonda com os produtores locais (Imagem 11).

Imagem 11: Mostra Audiovisual Santa-cruzense.



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Imagem 12 - Mesa redonda do Polo Cultural da Festa de Setembro.



Fonte: arquivo pessoal

Todas as exibições do filme, os compartilhamentos e engajamento na conta do Instagram foram muito importantes, atingindo um dos objetivos do documentário, valorizar a trajetória de Bento da Zabumba.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário *Eu Sou Bento* surge como um importante instrumento de registro e valorização da trajetória de Bento da Zabumba, um mestre da cultura popular nordestina que tem dedicado sua vida à preservação da sanfona de oito baixos e do forró tradicional. A pesquisa realizada neste relatório buscou compreender não apenas sua importância como músico e artesão, mas também seu papel enquanto agente de transmissão e ressignificação da cultura popular.

Ao longo deste estudo, foi possível observar que a cultura popular é um campo dinâmico de disputas e transformações, como apontado por Stuart Hall (2011). A trajetória de Bento reflete essa complexidade, evidenciando como as tradições não são meros resquícios do passado, mas práticas vivas que precisam se adaptar às novas realidades para sobreviver. A sanfona de oito baixos, um instrumento historicamente marginalizado em relação ao acordeon moderno, encontra na figura de Bento um defensor e inovador, alguém que não apenas mantém o conhecimento ancestral, mas o reinventa e o torna relevante para novas gerações.

Além disso, este trabalho reforça a noção de que a memória desempenha um papel central na construção da identidade cultural. Como destaca Candau (2014), a memória não é um simples repositório do passado, mas um processo ativo de seleção e ressignificação que define pertencimentos e práticas culturais. A atuação de Bento da Zabumba na transmissão oral de conhecimentos musicais ilustra esse processo, pois sua experiência não se limita à repetição de padrões herdados, mas inclui a adaptação desses saberes a novos contextos, como a formação de jovens músicos e a criação da Orquestra Sanfônica de Oito Baixos.

Contudo, a pesquisa também evidenciou os desafios enfrentados pelos mestres da cultura popular no Brasil. A falta de políticas públicas efetivas para a valorização da música tradicional, a dificuldade de transmissão do conhecimento para as novas gerações e a predominância da indústria cultural hegemônica são fatores que colocam em risco a continuidade dessas expressões. A luta de Bento para manter viva a sanfona de oito baixos reflete a batalha diária dos artistas populares pela preservação de suas tradições, muitas vezes sem apoio governamental ou reconhecimento institucional.

A realização do documentário *Eu Sou Bento* permitiu não apenas documentar a trajetória desse mestre, mas também sensibilizar o público sobre a importância de figuras como ele para a cultura brasileira. O registro audiovisual se mostrou uma ferramenta essencial para a salvaguarda do patrimônio imaterial, garantindo que essas histórias possam ser acessadas e estudadas no futuro. Além disso, o documentário se insere em um contexto mais amplo de resistência cultural, funcionando como um veículo de difusão e valorização do forró pé de serra e de suas raízes históricas.

Diante dessas reflexões, este trabalho aponta para a necessidade de ações concretas voltadas à preservação da cultura popular. Iniciativas como registros audiovisuais, oficinas de formação musical e incentivos institucionais podem garantir que mestres como Bento continuem a desempenhar seu papel na transmissão da tradição. Além disso, a academia tem um papel fundamental nesse processo, ao trazer visibilidade para esses artistas e fomentar pesquisas que ampliem o reconhecimento da cultura popular como um patrimônio coletivo.

Por fim, espera-se que este estudo e o documentário resultante possam servir como uma contribuição significativa para a valorização da cultura nordestina e para a discussão sobre os desafios e possibilidades da transmissão da tradição. A história de Bento da Zabumba é um testemunho vivo da resistência cultural e um convite para que novas gerações se apropriem e deem continuidade a esse legado. Afinal, como demonstrado ao longo desta pesquisa, preservar a cultura não significa apenas olhar para o passado, mas garantir que ela continue viva e ressignificada no presente e no futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bárbara de Oliveira Tavares. **O filme documental como criador de impacto social: o movimento vegan no documentário veggio revolution**, 2020. Dissertação (Mestrado) - Especialização em Fotografia e Cinema Documental - Curso de Mestrado em Comunicação Audiovisual. Politécnico do Porto, Escola Superior de Media Artes e Design. Vila do Conde. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/15964>. Acesso em: 26 set. 2023.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CARDÔSO, C., and ORTEGA, R., transl. TESO, P. **Desenvolvimento de projetos audiovisuais pela Metodologia DPA**. Ilhéus, BA: Editus, 2016, 334 p. ISBN 978-85-7455-448-8.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CINEMA documental: de onde vem o documentário?. [S. l.], 2 fev. 2016. Disponível em: <https://mundodecinema.com/documentario/>. Acesso em: 26 set. 2023.

DA CUNHA BENIGNO, RUTE CAROLINA. **Eu e meu fole”: trajetórias formativas de seis sanfoneiros profissionais**. [S. l.: s. n.], 2023.

FRANCISCO, Juliana, M. **Da cultura popular aos jingles políticos: uma análise cultural do forró**. 2006. Brasília.

GRANCHE, Juliano Ribeiro e SERAPIÃO, Paulo Roberto Barbosa e SANTO, Silvia Maria do Espírito. **Curta metragem como forma de recorte e investigação da realidade**. 2007, Anais.. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2007. . Acesso em: 23 mar. 2025.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011

LUCENA, Luiz Carlos Pereira. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; ROMEU, Gomes. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORIGI, V. **Festa junina: hibridismo cultural**. *Cadernos de Estudos Sociais*, v. 18, n. 2, p. 302, 06 out. 2011.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário/Bill Nichols**, tradução Monica Saddy Martins-Campinas, SP: Papirus, 2005. - (Coleção Campo Imagético)

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Khoury. Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

NORA, Pierre. Historien public. Paris: Gallimard, 2011a.

_____. (dir.). Les lieux de mémoire – I: La République. Paris: Gallimard, 1984.

_____. (dir.). Les lieux de mémoire – II: La Nation. Paris: Gallimard, 1986.

_____. (dir.). Les lieux de mémoire. Paris: Quarto Gallimard, 1997. v.1-3.

_____. Pierre Nora en Les lieux de mémoire. Montevideo: Trilce, 2008.

_____. Présent, nation, mémoire. Paris: Gallimard, 2011b. (Bibliothèque des Histoires)

OLIVEIRA, Michelle Gusmão; MARQUES, Edmilson Ferreira. **O DOCUMENTÁRIO E SUAS ESPECIFICIDADES**. CEPE, [S. l.: s. n.].

PERES, Leonardo Rugero. **A sanfona de oito baixos na música instrumental brasileira. O Músicos do Brasil: Uma Enciclopédia**, [s. l.], Copyright © 2008-2009. Disponível em:

<https://maiscursoslivres.com.br/cursos/e0355fe621a7fbb9ea5262c39a277cbb.pdf>.

Acesso em: 19 jul. 2023.

ROBERTS, Calia. **Tipos de acordeons**. Disponível em:

http://www.ehow.com.br/tipos-acordeonsinfo_196043/. Acesso em: 23 janeiro 2025.

SILVA, C.C. Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB EM TEMPO DE HISTÓRIAS | Brasília-DF | n. 40 | pp. 181-194 | jan./jun. 2022. ISSN 2316-1191

SOUZA, L. S. **Mestre Camarão e o ensino de acordeon**. João Pessoa, 2023

ANEXO A – FICHA TÉCNICA

Personagens:

Apresentando: Bento da Zabumba (Bento Severo da Silva)

Roteiro: Nayara Nascimento

Direção: Nayara Nascimento

Montagem: Valdenilson Henrique

Edição: Valdenilson Henrique

Direção de fotografia: Nayara Nascimento

Assistente de fotografia: Valdenilson Henrique

Design: Nayara Nascimento

Técnico de som: Valdenilson Henrique

Trilha Sonora Original: Bento da Zabumba

Agradecimento especial a professora Amanda Mansur.

ANEXO B – PÔSTER



NAYARA CAMILA DA SILVA NASCIMENTO

EU SOU BENTO: tradição, música e resistência em Santa Cruz do Capibaribe

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Comunicação Social com ênfase em Produção Cultural e Mídias Sociais do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de relatório científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social.

Apresentado em: 07/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Amanda Mansur Custódio Nogueira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Amílcar Almeida Bezerra (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Diego Gouveia Moreira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco